

3. O emprego de figuras, de comparações, de onomatopéas—facilita a interpretação, materialisa as cousas abstractas; de sorte que commedidamente os tropos se não dão das cousas a precisão verdadeira fornecem todavia comprehensão immediata.

Fica desde já entendido que no estylo scientifico, havendo maior preocupação pela *precisão* dos factos—os tropos são inadmissiveis, e contrarios ao effeito desejado.

Não obstante, no estylo seientifico, recorre-se á analogia e á comparação como meios do esclarecimentos que formam a evidencia.

4. A ordem nas palavras poupa ou accresce o esforço mental dos que as ouvem. Deve-se, pois, adoptar a ordem que estiver mais de acôrdo com o trabalho cerebral, isto é, a ordem mais accomodavel ao curso das idéas.

Spencer explica o seu pensamento por um exemplo. E' de melhor estylo dizer o *justo* (o *justo homem*) do que o *homem justo*. Principiando-se pela palavra *homem* o auditor imagina logo uma serie de attributos que caracterisam o ser *homem* e esta energia de imaginação fica inutilisada, logo que apparece o attributo *justo*, o unico que se quer exprimir. Quando se principia pela palavra *justo*, a idéa principal é immediatamente provocada no espirito do leitor ou auditor.

Não só se deve poupar o esforço collectivo, mas tambem se deve poupar a emoção, a sensibilidade do leitor. A faculdade sensível não póde ser exercida durante muito tempo. Por isso deve-se aconselhar a variedade de emoções, a gradação e algumas vezes o salto violento, a antithese.

E' preciso notar que todas as emoções são *contagiosas*, isto é, diffundem-se e para todos os lados. Uma pessoa que come um pouco de assucar acha o resto das comidas acidas; da mesma fórma, a emoção de um trecho depende da do seu *antecedente* e o escriptor deve aproveitar essa lei psychologica como uma fonte de effeitos brilhantes e imprevistos.

O perfeito estylo é, pois, o que exigindo pequeno esforço mental e sensível, produz o maximo effeito de comprehensão e de emoção.

O escriptor perfeito é o que é capaz de todos os *estyllos*, é o que pôde dominar o apparelho transmissor de modo a adaptal-o a todos os effeitos e a todas as energias imaginaveis.

IDÉAS DE TAINE

H. Taine apreciou os *estyllos*, não como philosopho, mas como critico. O que significa o *estyllo* de um escriptor para a critica ?

—Tudo—respondeu H. Taine.

« E' pelo *estyllo*, diz elle, que se julga um autor: o *estyllo* representa o que no homem ha de verdadeiro e predominante. »

Ha pensamentos que se encobrem, idéas que se não pensam, emoções que se não sentem e que todavia se escrevem. Mas o *estyllo* tudo revela: não ha *estyllo* hypocrita.

Pelo *estyllo* estuda-se a alma, a psychologia do homem ; pelo vocabulario e pela dicção de um autor pode-se notar estatisticamente quaes são as cousas que mais lhe agradam ou mais o aborrecem, suas sensações predominantes, suas virtudes e seus peccados. Póde-se inferir que porções de natureza material ou moral o impressionam com maior frequencia e maior emoção.

A mais sensata classificação dos *estyllos*, se fosse hoje em dia possivel, seria puramente phrenologica ; deveria consignar o ponto culminante do character ou da paixão individual do escriptor.

APPENDICE

PROLOGO DA 2ª EDIÇÃO

Na primeira edição, em advertencia preliminar escrevi as seguintes palavras :

« Este livro, pela qualidade do assumpto, póde ser dividido em duas partes. A primeira é uma synopse reduzida das grammaticas vulgares, trata perfunctoria ou detidamente das materias conforme se julgou necessario e exige por parte dos leitores o conhecimento prévio da grammatica elementar descriptiva.

« A segunda parte, porém, ás mais vezes escripta em caracteres de corpo menor, encerra o texto critico, declarações e desenvolvimentos de maior difficuldade de interpretação. Puz todo o cuidado em que fossem as partes ambas expurgadas de conjecturas, de doutrina controvertida ou ainda de algumas verdades averiguadas que exigem notavel esforço de comprehensão.

« Logo de começo me lembrou dar mais avultado incremento á parte historica ; mas a poucos passos que dei reconheci que era de melhor parecer voltar ao intento primitivo, mas moderado e mas modesto.

« A minha intenção foi a de escrever um livrinho util e claro que desaffrontasse a glottologia elementar do imminente des-

credito que, a olhos profanos, parece entre nós ameaçal-a. O criterio *historico*, por já não ser novidade, não necessita dos calamitosos excessos de alguns dos seus propugnadores. Tudo o que ha, houve, e vem de longe; é tempo de olharmos para atraz, de desabusarmos-nos dos nossos defeitos de revolucionarios. Hoje, com alegria o digo, é já impossivel desterrar o criterio philologico do estudo das linguas, realisado o triumpho, convém que uma temperada sensatez o consolide tanto quanto podem desacredital-o os desconcertos de varios devotos errados. »

A primeira edição de mais de dous mil exemplares esgotou-se em quatro mezes e poucos dias.

O bom exito do livro resultou de causas varias, entre as quaes se deve ter em conta a exaggerada benevolencia dos nossos mais abalisados criticos.

O Dr. Carlos de Laet, illustradissimo presidente do Instituto Philologico e o mais correcto dos nossos escriptores, augurava para o meu livro a popularidade que obteve, entre os francezes, o do eminente romanista Brachet. (1)

Outro critico de grande e incontestada competencia (2) affirmava não ter a minha grammatica rival no seu genero, na lingua portugueza.

(1) « Ou muito me engano, ou o livro do Sr. João Ribeiro está destinado á popularidade e ás successivas edições que coroaram a identica tentativa de Brachet. » Do *Microcosmo* de 25 de setembro de 1887.

(2) Capistrano de Abreu, pela *Gazeta de Noticias*: « O substancial é que temos um livro bem pensado, bem escripto, contendo novidades, e que em poucas edições fará honra á glottologia indigena. Sobre o assumpto nas proporções em que o autor teve de limitar-se, não ha igual em Portugal, onde aliaz, sendo mais facil o estudo da sciencia, já deveria ter sido feito. »

Esta opinião é a mesma do nosso illustrado critico, o Dr. Sylvio Romero.

Outros ainda nas principaes provincias do imperio (3) encontraram de tal sorte a minha producção, que não me causou extranheza a rapida sahida dos exemplares da primeira estampa.

Tão excellentes testemunhos do favor publico obrigaram-me a cuidar sériamente de melhorar o meu trabalho quanto estivesse nas minhas forças.

Nessa ardua tarefa fui singularmente ajudado por dous amigos que me forneceram notas e corrigendas que aceitei com verdadeiro jubilo. O illustradissimo Sr. Aureliano Pimentel, honra do professorado do Collegio de D. Pedro II, propoz-me algumas observações que, por muito conformes á razão, aceitei sem escrúpulos; as notas versavam sobre a etymologia de *cigarra*, sobre os prefixos *de*, *dis*, *des*, *in* e os suffixos *izar*, *ela*, accrescimento de exemplos de futuros que se differencaram das fórmulas infinitivas e sobre a correccão do genero latino de *fons*, *manus*, etc.

O nosso americanista e esclarecido philologo, o Dr. Macedo Soares, notou alguns erros — concernentes ás linguas tupi e africana, que me apressei em corrigir com o reconhecimento que devo ao mais habilitado dos que, entre nós, estudam o dialecto brasileiro.

Por mim mesmo reparei e emendei tudo o que me pareceu erroneo ou mal feito e com o intuito de tornar o meu trabalho mais digno da aceitação publica, fiz accrescimentos notaveis e dei capitulos novos de materias essenciaes á disciplina grammatical. Entre os capitulos novos chamarei a attenção dos competentes para os que se intitulam: — *Analyse das proposições* — baseado nos trabalhos de Latham e Mason; — *Concordancia* — complexo de regras extrahidas integralmente, com alguns retoques, do vigoroso compendio castelhano de Andres Bello; — *Verbos*

(3) Nomeadamente no Pará, em S. Paulo, no Ceará, em Pernambuco. Especializo a opinião do erudito Dr. Felisbello Freire.

irregulares, capitulo necessario á etymologia dos verbos :—
Theoria da phonetica, estudo doutrinario cuja cópia de exemplos foi toda bebida nos trabalhos de A. Coelho e Karl von Reinhard Stœttner.

A lingua portugueza nos ultimos quinze annos tem tido estudiosos de merito e no estrangeiro basta lembrar os nomes de Reinhadstœttner (*Gramm. der portugiesischen Sprache*) Carolina Michaelis (*Studien*, edições philologicas e artigos no *Zeitschrift für rom. Phil.*) Cornu (artigos na *Romania, Muséon*, etc.) D'Ovidio e Monaci (edição do *Canc.*, e *Manualetti neo-lat.—Portoghese*) Hugo Schuchardt (varios estudos de dialectologia) e outros mais.

No Brazil existe, uma pleiade notabilissima de philologos, cuja manifestação collectiva mais importante é o *Instituto Philologico*.

Em Portugal basta o nome unico de Adolpho Coelho.

Possa este livro encontrar o apoio que merecem os esforços do mais humilde discipulo da nova escola.

INDICE

PONTOS DE PORTUGUEZ

PAGS.

1.—Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, por grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva. Objecto da grammatica portugueza e divisão do seu estudo. Phonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras; vogaes: grupos vocalicos: consoantes, grupos consonantes; syllabas; grupos syllabicos; vocabulo; notações lexicas..	1
2.—De accentuação e da quantidade.....	15
3.—Origem das letras portuguezas; leis que presidem á permuta das letras; importancia destas transformações phonicas no processo de derivação das palavras.....	27
4.—Das metaplasmas.....	52
5.—Dos systemas de orthographia e das causas de sua irregularidade.....	57
6.—Morphologia: estrutura da palavra: raiz; thema; terminação; affixos. Do sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos que as constituem, desenvolvimento de sentidos novos nas palavras.....	69
7.—Da classificação das palavras. Do substantivo e suas especies.....	76
8.—Da classificação das palavras. Do adjectivo e suas especies.....	84
9.—Classificação das palavras. Do pronome e suas especies.....	91
10.—Classificação das palavras. Do verbo e suas especies.	95
11.—Classificação das palavras. Das palavras invariaveis.	100
12.—Agrupamento de palavras por familia e por associação de idéas. Dos synonymos, homonymos e paronymos...	105

13.—Flexão dos nomes: genero; numero; caso. Noções de declinação latina. Do apparecimento do neutro latino em portuguez; vestigios do neutro em portuguez; vestigios da declinação em portuguez: Origem do <i>s</i> do plural...	112
14.—Flexão dos nomes: gráo do substantivo e do adjectivo; comparativos e superlativos syntheticos; comparativos e superlativos analyticos.....	121
15.—Flexão dos nomes: flexão do pronomes; declinação dos pronomes pessoases.....	127
16.—Flexão do verbo: conjugação; fórmãs de conjugação.	132
17.—Formação das palavras em geral: composição por prefixos e por justaposição. Estudo dos prefixos.....	136
18.—Formação das palavras em geral: derivação propria (por suffixos); derivação impropria (sem suffixos). Estudo dos suffixos.....	147
19.—Das palavras variaveis formadas no proprio seio da lingua portugueza.....	155
20.—Das palavras invariaveis formadas no proprio seio da lingua portugueza.....	158
21.—Etymologia portugueza; principios em que se basêa a etymologia. Leis que presidiram á formação do lexico portuguez.....	161
22.—Da constituição do lexico portuguez. Linguas que maior contingente forneceram ao vocabulario portuguez..	167
23.—Character differençaal entre os vocabulos de origem popular e os de formação erudita; duplas ou fórmãs divergentes.....	173
24.—Da creação de palavras novas. Hybridismos.....	177
25.—Etymologia do substantivo e do adjectivo. Influencia dos casos na etymologia dos nomes.....	182
26.—Etymologia do artigo e do pronome.....	186
27.—Etymologia das fórmãs verbaes; comparação da conjugação latina com a portugueza.....	192
28.—Etymologia das palavras invariaveis.....	204
29.—Da syntaxe em geral. Breves noções sobre a es-	

tractura oracional do latim popular e do latim culto.	
Typos syntaxicos divergentes da lingua portugueza.....	208
30.—Syntaxe da proposição simples. Especie de proposição simples quanto á fórma e á significação. Dos membros da proposição simples.....	213
31.—Syntaxe da proposição composta ou do periodo composto. Coordenação. Subordinação. Classificação das proposições.....	220
32.—Regras de syntaxe relativas a cada um dos termos ou membros da proposição.....	225
33.—Regras de syntaxe relativas ao substantivo e ao adjectivo.....	233
34.—Regras de syntaxe relativas ao pronome.....	240
35.—Regras de syntaxe relativas ao verbo. Do emprego dos modos dos tempos. Correspondencia dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas.....	244
36.—Regras de syntaxe relativas ás fórmas nominaes do verbo.....	247
37.—Regras da syntaxe relativas ás palavras invariaveis.	255
38.—Syntaxe do verbo <i>haver</i> e do pronome <i>se</i>	265
39.—Da construcção: ordem das palavras na proposição simples e das proposições simples no periodo composto..	269
40.—Da collocação dos pronomes pessoases.....	276
41.—Das notações syntaxicas; pontuação; emprego de letras maiusculas.....	280
42.—Figuras de syntaxe. Particulas de realce.....	290
43.—Dos vicios de linguagem.....	295
44.—Das anomalias grammaticaes; idiotismos; provincialismo; brazileirismo; dialecto.....	303
45.—Das alterações lexicas e syntaticas; archaismo e neologismo.....	311
46.—A syntaxe e o estylo.....	316